Capítulo 15: Eu Tô Famoso

Um amigo uma vez me perguntou: “Espera, quantas vezes você já foi roubado?” Respondi: “Tantas que perdi a conta.” É uma das tristes realidades de morar na América do Sul. Felizmente, até agora nada foi sob a mira de uma arma, mas não posso descartar. Tive minha bela bicicleta elétrica Levi roubada em plena luz do dia porque a prendi pela cesta, que eles simplesmente desparafusaram antes de sumirem no pôr do sol do Rio. Também tive uma corrente de ouro muito bonita, de mil dólares, furtada do bolso, ironicamente no Dia de Ação de Graças, um ano depois de eu ser dopado e roubado em Medellín. Aparentemente, ser roubado no Dia de Ação de Graças é uma tradição anual minha. Estou começando a ter pavor desse feriado.

Embora caros, esses roubos são uma parte infeliz do dia a dia aqui. É preciso sempre andar com a cabeça no pescoço. Decidi que coisas boas não valem a pena se podem ser levadas com facilidade. Eu gostaria de dizer que estou muito mais cuidadoso agora, mas ainda vivo o momento. Não consigo andar paranoico o tempo todo com medo de que algo seja levado, o que é exatamente o oposto de mim em estado maníaco.

Quero contar a história do roubo do meu celular na Pedra do Sal, uma famosa festa de samba no Rio. As segundas-feiras à noite são especialmente cheias porque, tradicionalmente, era quando as pessoas tinham o dia de folga. Era Natal, e o grupo de gringos nômades digitais tinha planejado tomar uns drinques lá naquela noite. Naquela época, eu tinha ficado amigo de uma mulher russa muito bonita, de cabelo ruivo. Vamos chamá-la de [Y].

Um pouco sobre mim: sou totalmente contra namorar alguém de um grupo de amigos. Os gringos no Rio formaram uma grande comunidade de nômades digitais. Já saiu até em reportagem no jornal do Rio. Embora eu me sentisse atraído pela [Y], sabia que não era uma boa ideia tentar nada. Tínhamos nos tornado bons amigos, e eu não queria estragar isso. Além disso, a notícia de qualquer relacionamento no grupo se espalha como fogo. Eu não era particularmente popular, mas imagino que essa dinâmica seja comum em qualquer lugar.

Naquela noite passei a maior parte do tempo conversando com a [Y] sobre assuntos aleatórios. Eu tinha dito ao grupo que convidara uma date para ir comigo. Deu para perceber que a [Y] não ficou empolgada com isso, mas éramos amigos, então não pensei muito. Minha date chegou com outra amiga. Ela não falava inglês, então tentei conversar com ela pelo Google Tradutor. A Pedra do Sal fica extremamente lotada na maioria das segundas, todo mundo ombro a ombro, um empilhado em cima do outro.

Não é o melhor ambiente para conversas longas e profundas no Google Tradutor, então mantive minhas mensagens curtas. Eu não estava interessado nela, embora tenha certeza de que era uma

pessoa adorável. Conforme a noite avançava, percebi que a [Y] estava ficando com um pouco de ciúme. Achei isso surpreendente, porque nunca tivemos nada romântico. Eu me preparava para ir embora e me despedia. Não sei como aconteceu, mas a despedida da [Y] virou um beijo. Me pegou totalmente de surpresa. Tenho certeza de que as pessoas nos viram. Minha regra de não misturar amizade com prazer tinha sido quebrada.

Conversamos por um instante depois do beijo. Ela confessou que sempre gostou de mim e que eu era o único homem do grupo que a respeitava. Fiquei lisonjeado, mas meu diálogo interno dizia para sair dali rápido para organizar meus pensamentos.

Me despedi e fui em direção ao ponto de encontro do Uber, o que significava andar de 10 a 15 minutos ombro a ombro. Caso você não saiba, a Pedra do Sal é famosa por batedores de carteira. Tenho quase certeza de que um em cada três gringos que já foram tem uma história de celular roubado. Normalmente sou mais cuidadoso com meu celular, mas naquela noite eu estava um pouco abalado com o beijo. Mandei mensagem para um amigo que estava vindo ao Rio e tentei explicar o que tinha acontecido com a [Y].

Entre as mensagens, a pessoa na minha frente parou de andar e começou a andar de costas. Rapidamente coloquei a mão livre nas costas dele para que ele não esbarrasse em mim. Ele continuou andando de costas. Enfiei o celular no bolso e usei as duas mãos para pará-lo. Isso durou vários segundos. Eu pensava: que porra é essa, por que esse cara está andando de costas assim?

Eventualmente voltamos a andar em ritmo normal, ainda espremidos ombro a ombro. Passou um ou dois minutos, e fui pegar meu celular no bolso. Surpresa, surpresa, tinha sumido. Tentei brevemente procurar alguém que pudesse ter levado, mas foi inútil. Na hora, não percebi que tinha acontecido durante a situação estranha de andar de costas. Olhando para trás, foi um clássico golpe de distração.

Uma das frases que tenho praticado em português é “Eu tô famoso”. Entre todos os nômades digitais, fiquei famoso por ser o cara a quem roubam as coisas. Só fico feliz que a notícia ainda não tenha chegado aos cariocas.